



HAL
open science

O USO DE QUADRINHOS NO ENSINO DE GÍRIAS E NEOLOGISMOS EM AULAS DE PLNM

Brízzida Caldeira

► **To cite this version:**

Brízzida Caldeira. O USO DE QUADRINHOS NO ENSINO DE GÍRIAS E NEOLOGISMOS EM AULAS DE PLNM. ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA: ENTRE PESQUISAS E PRÁTICAS, 2020, 978-65-88405-07-9. hal-03921976

HAL Id: hal-03921976

<https://hal.science/hal-03921976>

Submitted on 25 Jan 2023

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Copyright

O USO DE QUADRINHOS NO ENSINO DE GÍRIAS E NEOLOGISMOS EM AULAS DE PLNM

Brízzida Anastácia Souza Lobo de Magalhães Caldeira¹

Resumo: O ensino de português como língua não materna (PLNM) no Brasil e em outros países lusófonos enfrenta o desafio de desenvolver a competência lexical (ALMEIDA FILHO, 1989), principalmente no que concerne o ensino-aprendizagem de gírias e neologismos. Embora pouco trabalhado no PLNM, esse grupo vocabular faz parte da vida em sociedade e pode se tornar uma barreira na comunicação dada a sua opacidade semântica. Este estudo propõe-se a discutir o uso de gírias e neologismos em histórias em quadrinhos publicadas no Brasil e suas possíveis aplicações no ensino-aprendizagem de línguas. Foram analisados 33 vocábulos, considerados gírios, retirados de gibis publicados entre 1996 e 2016, a fim de mostrar como os quadrinhos refletem aspectos da linguagem oral popular usada no cotidiano. Dentre os entendimentos gerados, destacamos o grau de atualização lexical e o potencial pedagógico das HQs no ensino-aprendizagem de PLNM para alunos de todas as idades já que elas fazem da língua um meio e não um fim em si mesma.

Palavras-chave: Gírias e Neologismos, Histórias em Quadrinhos, Ensino de PLNM.

Résumé : L'enseignement du portugais en tant que langue non maternelle (PLNM) au Brésil et dans d'autres pays de langue portugaise est confronté au défi de développer la compétence lexicale (ALMEIDA FILHO, 1989), principalement en ce qui concerne l'enseignement de l'argot et des néologismes. Bien que peu travaillé en PLNM, ce groupe de vocabulaire fait partie de la vie en société et peut devenir un obstacle à la communication compte tenu de son opacité sémantique. Cette étude propose de discuter de l'utilisation de l'argot et des néologismes dans les bandes dessinées publiées au Brésil et de ses applications possibles dans l'enseignement et l'apprentissage des langues. Nous avons analysé 33 mots, considérés comme argot, extraits de bandes dessinées publiées entre 1996 et 2016, afin de montrer comment les bandes dessinées reflètent les aspects du langage oral populaire utilisé dans la vie quotidienne. Parmi les compréhensions générées, nous soulignons le degré de mise à jour lexicale et le potentiel pédagogique des BD en enseignement-apprentissage du PLNM pour les étudiants de tous âges, car ils font de la langue un moyen et non une fin en soi.

Mots-clés: Argot et Néologismes, Bandes Dessinées, Enseignement de PLNM.

1. Introdução

A aquisição do léxico encontra-se dentre os desafios enfrentados por professores de línguas estrangeiras em todo o mundo. O ensino de Português como Língua Não Materna² (PLNM) realizado no Brasil, embora englobando um contexto de imersão linguística total,

¹ UERJ, Doutoranda em Linguística pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, bolsista CAPES.

² Considera-se nesse artigo o conceito de PLNM de acordo com Almeida Filho (1989), como o ensino do português como língua não materna para estudantes em países lusófonos. Porém, a reflexão estende-se também para o ensino do português como língua estrangeira, língua adicional ou língua de herança, considerando as adaptações necessárias para cada contexto de ensino-aprendizagem.

não foge a essa realidade. Em parte, tal grau de dificuldade emerge da própria dinamicidade da língua, caracterizada pelas mudanças linguísticas, seja pelo desuso de algumas unidades, que se tornam **arcaísmos**, seja pelo surgimento de novas palavras, os chamados **neologismos** (CORREIA, 2012). Tal qual um organismo vivo, a língua se ajusta aos contextos interacionais em que ocorre, sendo por isso, variável (ANTUNES, 2014). É essa dinamicidade que inspirou o desenvolvimento do presente trabalho, cujo objetivo é analisar o uso de gírias e neologismos em Histórias em Quadrinhos (HQ) da Turma da Mônica³ e discutir possíveis aplicações pedagógicas no ensino-aprendizagem desses termos na sala de aula de PLNM. Busca-se responder aos seguintes questionamentos: (a) Por que ensinar gírias em aulas de PLNM? (b) Por que usar histórias em quadrinhos no ensino-aprendizagem de gírias e neologismos em aulas de PLNM?

Como as gírias e os neologismos ocorrem mais frequentemente no contexto oral, principalmente em interações face-a-face, optou-se por mediar a prática pedagógica com os quadrinhos, que, de acordo com Ramos (2009), refletem a produção oral de uma sociedade. Neles, a interação entre os personagens reflete diferentes contextos da sociedade, assim como necessidades comunicativas que incluem o desenvolvimento das novas tecnologias (PILLA, 2002).

Para respondermos às perguntas de pesquisa, quatro etapas metodológicas foram implementadas: (1) levantamento de vocábulos de uso informal em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica, publicadas entre 1996 e 2016; (2) consulta dos itens em obras de referência (*Dicionário de gíria* (SERRA E GURGEL, 1998); *Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa* (ROCHA, 2011); *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (HOUAISS, 2009); *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* (FERREIRA, 2009)), a fim de classificá-los e analisá-los qualitativamente; (3) análise dos itens à luz de Preti (1984); (4) organização da análise em 3 períodos (1996 a 1999 / 2000 a 2009 / 2010 a 2016) e classificação em 3 categorias: **gíria, neologismo e vocábulo de uso informal simples**.

Os entendimentos gerados conduzem-nos à percepção de que as HQ podem ser consideradas um reflexo das gírias de cada época, mostrando desde os vocábulos que saem

³ Criadas pelo cartunista brasileiro Maurício de Souza, elas começaram a ser publicadas em formato de tirinhas pela Folha de São Paulo, em 1960. As revistinhas continuam sendo publicadas até os dias de hoje e retratam as aventuras de uma turma de crianças lideradas pela Mônica, inspirada na filha de Maurício. O núcleo de personagens é composto por pessoas de todas as idades, sendo um material que pode ser aproveitado em aulas para alunos de diversos níveis e faixas etárias. (Turma da Mônica: Laços, 2013). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

de circulação e se tornam gírias antigas, ou termos arcaicos, até os neologismos que surgem nas redes sociais e que ainda nem estão registrados pelos dicionários de gírias. As HQs também propiciam oportunidades de reflexão crítica sobre adequação vocabular, pois, ao retratar personagens de perfis etários, sociais e identitários distintos, oferecem ao aluno a oportunidade de compreender como cada um deles possui características linguísticas próprias e as usam em contextos determinados. Na sala de aula de PLNM, tal entendimento pode mediar o ensino-aprendizagem desses vocábulos, assim como o seu uso em situações linguísticas que se adequem àquelas praticadas pela sociedade brasileira.

2. As palavras de uma língua

Geralmente, ao se tratar do ensino-aprendizagem de línguas, fala-se muito do **vocabulário** que o aluno deveria apreender ao final de uma determinada aula ou unidade. Cabe assim, definir à luz da Lexicologia termos usados com frequência nessa área.

O **léxico** - um dos objetos de estudo da Lexicologia - pode ser definido como o “conjunto virtual de todas as palavras de uma língua, incluindo as neológicas e as que caíram em desuso” (CORREIA, 2012, p.15), ou como “o conjunto de itens à disposição dos falantes para atender às suas necessidades de comunicação” (ANTUNES, 2012, p.27). Ainda, há outros que o compreendem “como o saber interiorizado, por parte dos falantes de uma comunidade linguística, acerca das propriedades lexicais das palavras” (VILELA, 1994, p.10). Ou seja, o léxico abarca todas as palavras existentes, novas ou arcaicas, incluindo os termos técnicos, jargões, gírias em uma sociedade.

Não devemos, no entanto, confundir léxico com **vocabulário** ou o “conjunto factual de todos os vocábulos atestados num determinado registro linguístico, isto é, o conjunto fechado de todas as palavras que ocorreram de fato neste discurso” (CORREIA, 2012, p.15). Portanto, o vocabulário refere-se às palavras que são usadas de fato por uma pessoa em um determinado discurso; é uma realidade mais restrita e por isso pode ser limitado e vivenciado aos poucos pelos alunos de uma determinada língua por meio de unidades temáticas, por exemplo. Neste artigo, as palavras serão consideradas **vocábulos** (ANTUNES, 2012), de acordo com sua ocorrência em um determinado texto.

Ciente desses conceitos, o professor que leciona em um ambiente de total imersão linguística, como é o caso das aulas de PLNM ministradas no Brasil, não controla o volume de exposição linguística vivenciada pelos alunos, como aconteceria em aulas de línguas

estrangeiras (isto é, quando o idioma ensinado não é a língua materna do país e o contato com a língua-alvo acontece majoritariamente na sala de aula). Os estudantes estrangeiros que residem no Brasil e estudam o português estão linguisticamente imersos e experenciam a língua durante a sua rotina diária, ouvindo músicas nas ruas, assistindo televisão, vendo outdoors com propagandas brasileiras e conhecendo pessoas que usam formas próprias de falar, incluindo as gírias e os neologismos que surgem em cada grupo ou tribo, definindo, inclusive, aqueles que fazem parte de um determinado círculo social (PRETI, 1984).

2.1 Gírias e neologismos

A língua é constitutiva ao mesmo tempo que constitui a sociedade (FRANCHI, 2011); faz emergir em seu fluxo diário atos de identidade que sinalizam pertencimento (*ou não*) com dado grupo, acesso a ele ou aceitação por parte de seus membros. À luz desse entendimento, pode-se usar a linguagem para construir e manter afiliação a um grupo específico ou para sublinhar o não pertencimento ao grupo.

Ao considerar a ação constitutiva da linguagem, Preti (1984) defende que a língua se organiza em camadas de diferentes níveis:

esse nivelamento tende a ocorrer não apenas no plano diastrático (sociocultural), mas até mesmo no plano diatópico (geográfico), em particular em nossos dias, com a ação de um poderoso fator de unificação da linguagem, *os meios de comunicação de massa*, que ensinam a dizer as coisas de uma forma igual, [...] e, assim, [...] a *norma comum* dos grandes centros civilizados nivela as diferenças geográficas. (1984, p. 2).

Essa língua unificada, a chamada “standard” pelos cursos de idiomas, é aquela que geralmente aparece nos materiais didáticos de ensino de línguas estrangeiras, tendo suas variações regionais abordadas em pequenos tópicos ou seções, de acordo com o perfil do livro e de cada autor. De acordo com o autor, as pessoas tendem a repudiar essa padronização linguística dada a sua própria natureza, o que as leva a formar grupos que adotam uma linguagem particular (principalmente no campo lexical). Essa linguagem muitas vezes assume a forma da **gíria** de acordo com as variações de restrições para o seu uso, ou seja, quanto mais restrito e exclusivo for o termo, mais ele apresenta um caráter gírio e quanto mais popularizado e aceito por outros grupos sociais, mais ele se torna um termo de uso informal, chegando a ser dicionarizado como palavra comum que acaba perdendo a sua característica inicial.

A gíria, então, nasce não apenas de um desejo de originalidade, mas principalmente como signo de identificação e autoafirmação do grupo social ao qual ela pertence, sendo uma espécie de código que só pode ser compreendido por aqueles que fazem parte daquela comunidade de falantes. Sobre a formação da gíria, Preti (1984) esclarece que:

Limita-se, quase sempre, à mera alteração de significados por processos metafóricos: *mamar* (obter lucro de alguma coisa), *grude* (comida), *branquinha* (cachaça), [...]; ou a uma deformação dos significantes dos vocábulos usuais: *velhusca*, *loteca*, *carango*, *satisfa*, *prafentex*, *debilóide*, *vivaldino*, etc. Daí surge um vocabulário que poderíamos chamar parasita, mera linguagem usual estropiada por uma sufixação pouco comum [...]. (1984, p. 5)

Partindo dessas afirmações, surge uma nova questão: se a gíria quase sempre é formada pela alteração de significado por extensão metafórica, poderia ela ser considerada um neologismo semântico? Se entendemos que o léxico de uma língua se renova constantemente, a criação de palavras para fazer face ao desenvolvimento socioeconômico e tecnológico, assim como aos atos de pertencimento, aumentam a produção dos **neologismos**.

Os **neologismos** podem permanecer na língua por algum tempo ou podem adentrar definitivamente para a língua ao serem registrados em dicionário, passando a serem termos de uso comum (PILLA, 2002). Grandes dicionários registram entradas de verbetes com acepções gírias que já foram consideradas como neologismos semânticos e se consagraram como gíria de uso informal, como é o caso do termo *Rolar* (Fig.1), que apresenta entradas em dicionários de gírias e nos dicionários Aurélio (2009) e Houaiss (2009), significando ‘acontecer no tempo e espaço’. Na fala da personagem da Fig.1, todavia, o termo carrega o sentido de ‘ter, existir’ ao se referir aos salgadinhos da festa. Isso mostra que, mesmo que uma gíria seja dicionarizada em grandes obras, seu uso efetivo sempre pode revelar uma nova acepção, pois ela situa-se em uma camada profunda da língua, onde até mesmo falantes nativos podem ter dificuldade de chegar, especialmente pessoas com mais idade ou pessoas que não convivem constantemente com grupos sociais das grandes massas.



Figura 1 – **Rolar**: Magali nº359, 2003

No entanto, nem todo neologismo pode ser considerado gíria; os termos que surgem para nomear novos equipamentos tecnológicos, por exemplo, são usados dentro de um contexto técnico e específico, e têm uma repercussão social bem diferente daquela tida por uma nova palavra que surge em uma rede social ou propaganda, por exemplo. Entretanto, os alunos estrangeiros que aprendem português no Brasil estão sujeitos ao contato com ambos, pois seguem carreiras diferentes e têm objetivos linguísticos diversos ao chegarem ao país. Por isso, cabe ao professor refletir sobre quem são seus alunos, quais são os objetivos de aprendizagem em tela e elaborar/planejar práticas pedagógicas alinhadas às necessidades de aprendizagem, principalmente na área vocabular que ora temos como objeto de estudo.

3. As gírias e os quadrinhos

Para mostrar como os níveis de fala se caracterizariam nesse tipo de mídia, Preti (1973) compilou um *corpus* com 37 edições da revista *Mônica*, de Maurício de Souza. Constatou que dentro delas havia “diferentes níveis de fala, usados muitas vezes pelos mesmos personagens em situações distintas. Os níveis [...] variavam do formal ao informal, fosse ele infantil ou não.” (PRETI, 1973 *apud* RAMOS, 2009, p.45).

O autor explica que os diálogos tentam reproduzir os diferentes níveis de fala que existem na sociedade, espelhando-a. Se assim o é, o uso desses diálogos pode também mediar a compreensão de como usar esses diferentes níveis adequadamente no contexto social em que o falante estiver inserido. Além disso, Preti nos mostra que as gírias podem ser objetos de ensino-aprendizagem em sala de aula por meio do suporte adequado, neste caso, as HQ, pelos motivos já elencados. Ou seja, as HQs podem mediar a compreensão sobre que gírias usar e em que contexto, assim como quando e como usá-las. Esse argumento justifica a elaboração e implementação de práticas pedagógicas mediadas por HQs em aulas de PLNM.

4. Procedimentos metodológicos

Para gerar os dados, apoiamos-nos na noção de **gíria** proposta por Preti, que a define como “um vocabulário agregado à linguagem corrente, sendo usado nas mais variadas situações e pelos mais diversos tipos sociais de falante” (1984, p.19), assim como consideramos a visão deste autor sobre a evolução sofrida pela gíria de acordo com o prestígio linguístico do qual desfruta:

oriundos do vocabulário das baixas classes sociais, quando não da linguagem marginal, certos termos ascendem na escala sócio-cultural, integram-se no uso diário da comunidade, chegam a alcançar, não raro, até os contextos literários. Esta transformação, em geral, dá-se pelo contato entre a língua oral e a escrita, em particular pelos textos de jornais ou pela crescente influência do rádio e da TV, com a ocorrência desses vocábulos nas entrevistas ou telenovelas. A partir daí, passam a ser dicionarizados, pelo menos naqueles léxicos mais abertos à influência da linguagem popular, sob a rubrica de formas *familiares*. (PRETI, 1984, p. 21).

Tendo essas noções como norte, procedeu-se o levantamento de itens⁴, entre vocábulos e expressões, que poderiam ser considerados como termos gírios, em revistas da Turma da Mônica publicadas no Brasil entre 1996 e 2016. Esses termos foram classificados pela década em que aparecem, tomando como base as consultas realizadas nas seguintes obras de referência: *Dicionário de gíria – modismo linguístico – o equipamento falado do brasileiro* (SERRA E GURGEL, 1998); *Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa* (ROCHA, 2011); *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (HOUAISS, 2009); *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* (FERREIRA, 2009).

Alguns desses vocábulos, mesmo os considerados gírias pela linguagem popular e em uso pela sociedade, não se encontram registrados em nenhum dicionário de gírias ou de expressões e nem mesmo nos dicionários de língua portuguesa sob a denominação de gíria. Embora esses novos termos que ainda não constam nos registros oficiais do léxico sejam considerados neologismos, fica uma questão: como classificar um termo gírio antigo, que ainda é usado pela comunidade linguística, mas que não consta em nenhum dicionário de gírias ou de língua portuguesa? Após essas etapas e problematizações, procedeu-se a análise dos dados. Trinta e três (n=33) foram classificados como termos gírios. Na próxima seção, passamos a analisá-los.

⁴ Por questões de espaço, o *corpus* completo não será exibido neste artigo, mas encontra-se com as autoras e pode ser solicitado a qualquer momento pelo leitor.

5. Os termos gírios nas HQs da Mônica

Como esclarecido na seção 4, classificamos os termos gírios encontrados nas HQs pela década em que aparecem e os analisamos à luz dos níveis propostos por Preti (1984).

5.1 Década de 1996 – 1999

Nas revistas deste período foram localizadas majoritariamente **expressões de cunho gírio**, formadas por extensão metafórica de palavras já existentes no português, conforme ilustrado em cinco exemplos extraídos do corpus e presentes na Tabela 1.

	Vocábulo	Dicionário de gírias ⁵	Dicionário de expressões ⁶	Dicionário Aurélio	Dicionário Houaiss
1	O bicho está solto				
2	Roubar a bola			“Gir. arrebatr”	
3	Estar por baixo		“Estar em posição subalterna, humilde.” (p.194)		
4	Estar por cima	“Estar bem” (p.232)	“Desfrutar de uma posição privilegiada em relação à outras pessoas, a um assunto ou situação.” (p.194)	“bras. estar por cima da carne seca.”	“B. estar por cima da carne seca.”
5	Perna de pau		“ ² Fut. Jogador medíocre.” (p.346)	Def.2 “bras. jogador de futebol que não tem qualidades ou habilitações para esse jogo.”	Def.3 “fut. B. informal. pej. jogador de má qualidade, perneta.”

Tabela 1 – Termos gírios em HQs de 1996 a 1999

Dentre as expressões encontradas, apenas uma delas não consta registrada em nenhuma obra de referência: a expressão “o bicho está solto”, que é usada na HQ com o sentido de “mau humor” (Fig.2), e não encontra correspondência de significado em

⁵ SERRA E GURGEL, J.B. *Dicionário de gírias – Modismo linguístico – o equipamento falado do brasileiro*. Ed. Mania de Livro, Brasília – DF, 1998.

⁶ ROCHA, C.A.M.; ROCHA, C.E.P.M. *Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

nenhuma outra fonte de busca, mesmo em dicionários informais online⁷. Neste estudo, a expressão mais próxima encontrada foi “bicho solto”, que tem um sentido bem diferente, relacionado à bandidagem ou à pessoa que não se apega a ninguém.



Figura 2 – O bicho está solto: Revista Parque da Mônica nº39, 1996

Ressalta-se também que a maioria dessas expressões já está dicionarizada, ou seja, já passou por uma evolução social de uso e não pode mais ser considerada como neologismo, mas sim como **expressões de uso informal**, que ainda possuem caráter gírio por serem empregadas em circunstâncias de uso específicas.

5.2 Década de 2000 – 2009

Este período apresentou o maior número de vocábulos e foram encontrados 21 itens que podem ser classificados como **neologismos, gírias ou expressões de cunho gírio e expressões de uso informal**. Recortamos alguns randomicamente para ilustrar a década. Encontram-se organizados alfabeticamente na Tabela 2.

⁷ Refere-se à busca feita no Dicionário Informal, endereço: <http://www.dicionarioinformal.com.br>. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

	Vocábulo	Dicionário de gírias ⁸	Dicionário de expressões ⁹	Dicionário Aurélio	Dicionário Houaiss
1	Divar				
2	Patroa			Def.4 “pop. Esposa.” Def.5 “pop. Tratamento dado a uma senhora por pessoas de condição social inferior.”	Def.4 “informal. Mesmo que esposa.”
3	Superadoro			“De super-, prefixo: excesso, aumento, posição acima, em cima ou por cima.”	
4	Superfashion			“De super-, prefixo: excesso, aumento, posição acima, em cima ou por cima.”	

Tabela 2 – 2000 a 2009

Foram considerados **neologismos** os itens ‘1 - divar’, ‘3 - superadoro’ e ‘4 - superfashion’. Esses três vocábulos apresentam caráter neológico, pois, além de não estarem registrados em nenhuma obra de referência, eles são formados a partir de um propósito novo de uso e podem ser encontrados também difundidos nas mídias de grande massa, como as redes sociais, por exemplo. Os termos ‘superadoro’ e ‘superfashion’ são exemplos das muitas produções em ‘super-‘ que vêm aparecendo no vocabulário jovem há alguns anos; estes termos são formados pela justaposição da palavra ‘super’ com várias combinações possíveis, entre classes de palavras diferentes ex.: “*Superofertas*”, “*superpromoção*”, “*superadoro*”. O termo ‘divar’ é um verbo formado a partir do substantivo ‘*diva*’ e faz referência, geralmente, às pessoas que brilham ou se destacam em um grupo como se fossem artistas, como é o caso do uso realizado no exemplo da (Fig.3), em que a personagem Denise é uma líder de torcida muito empolgada.



Figura 3 – **Divar**: Turma da Mônica Jovem, 2008

⁸ SERRA E GURGEL, J.B. *Dicionário de gírias – Modismo linguístico – o equipamento falado do brasileiro*. Ed. Mania de Livro, Brasília – DF, 1998.

⁹ ROCHA, C.A.M.; ROCHA, C.E.P.M. *Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

Dentre as muitas gírias encontradas, que estão registradas nos dicionários e são reconhecidas pela comunidade linguística, destaca-se o termo ‘2 - patroa’, pois, embora não conste no dicionário de gírias, ele é classificado pelos dicionários Aurélio e Houaiss como uma palavra de **uso informal ou popular**, ou seja, pode-se considerar que este é um termo que já se encontra em outro nível de linguagem, sendo amplamente aceito e perdendo sua característica inicial de gíria – no caso, por ser empregado por grupos específicos (geralmente no meio masculino pra fazer referência à esposa).

Percebeu-se que dentre as palavras encontradas em publicações deste período, a maioria¹⁰ pode ser considerada como **gíria**, pois, além de apresentarem as características deste grupo lexical, também possuem registros no dicionário de gírias e em dicionários gerais, apresentando a identificação de gíria na definição do verbete.

5.3 Década de 2010 – 2016

Este período caracteriza-se pelo crescimento das redes sociais e o uso das novas tecnologias para conversas informais, divulgação de informações e produtos e até mesmo entrevistas de emprego online. A criação de novas palavras passou a crescer diariamente assim como o uso da linguagem informal, já que textos produzidos neste mundo virtual se aproximam da linguagem oral, e junto com ela encontra-se o uso de gírias e expressões informais. Foram encontrados neste último período nove itens que trazem algumas gírias populares, passíveis de serem exploradas em sala de aula. Destacamos na Tabela 3 os quatro exemplos mais relevantes:

	Vocábulo	Dicionário de gírias ¹¹	Dicionário de expressões ¹²	Dicionário Aurélio	Dicionário Houaiss
1	Causar				
2	Estar pegando	“Estar acontecendo” (p.231)			

¹⁰ Por questões de espaço, esses itens lexicais foram suprimidos da tabela, mas estão disponíveis para consulta com as autoras.

¹¹ SERRA E GURGEL, J.B. *Dicionário de gírias – Modismo linguístico – o equipamento falado do brasileiro*. Ed. Mania de Livro, Brasília – DF, 1998.

¹² ROCHA, C.A.M.; ROCHA, C.E.P.M. *Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

3	Joinha	“Bom” (p.284)		Def.5 “bras.gir. joia, muito bom ou bonito, excelente.”	“B.informal joia, muito bom ou bonito, excelente.”
4	Parada	“ ¹ Lance; ² Dureza; ³ Presa; ⁴ Difícil; ⁵ Entre policiais, assalto ou arrombamento; ⁶ Trabalho” (p.352)		Def.13“bras.gir.empr esa ou situação difícil, árdua, penosa”; Def.14 “bras.gir.pessoa ou animal rebelde, ou valente, difícil de ser levado”; Def.15 “bras.gir.pessoa ou coisa muito bonita.”	“B.informal. ¹ empreendimento ou posição difícil; ² indivíduo ou animal difícil de ser controlado; pessoa ou coisa muito bonita.”
5	Supimpa	“Excelente” (p.420)		“adj.bras.fam. muito bom, ótimo, excelente, superior.” (p.1897)	“informal. muito bom, ótimo, excelente, superior.”

Tabela 3 – Década de 2010 a 2016

Na Tabela 3, o termo ‘causar’ pode ser considerado uma gíria formada por meio de neologismo semântico a partir do verbo ‘causar’. Embora ele esteja nos dicionários de língua portuguesa registrado como verbo transitivo, é possível perceber pelos exemplos das figuras 4 e 5 que o seu uso como gíria é feito na forma de verbo intransitivo, e o seu significado passa a ser apreendido através do uso com outros falantes em interações sociais em diversos contextos.



Figura 4 – Causar: Magali n°55, 2011



Figura 5 – Causar: Chico Bento n°55, 2015

O termo ‘2 - estar pegando’, usado com o sentido de ‘estar acontecendo’, também pode ser considerado nesta análise como uma gíria construída por meio do neologismo semântico. Isto porque os grandes dicionários do português, embora abarquem muitos significados para o verbo ‘pegar’, ainda não contemplem nenhuma acepção semelhante

definida como gíria ou uso informal. Enquanto o dicionário de gírias inclui o termo e seu significado como gíria.

O item ‘4 – parada’ é um dos casos mais interessantes, pois esta palavra é usada na linguagem informal referindo-se aos mais diversos significados genéricos (quase como um sinônimo da palavra ‘coisa’), especialmente dentro do conjunto de gírias usado pelas pessoas no estado do Rio de Janeiro. Entretanto, os três dicionários que registram esse vocábulo o definem de forma semelhante, como pode ser visto na Tabela 3, deixando de fora a definição que contempla a forma como o vocábulo é utilizado na HQ, (Fig.6), significando “ideia”:



Figura 6 – **Parada**: Mônica nº10, 2016

A última gíria na Tabela 3, ‘5 - supimpa’, aparece na HQ (Fig.7) de forma curiosa, pois ela representa uma palavra que já é considerada ultrapassada pelos jovens da atualidade, gerando estranhamento aos personagens da história quando um deles faz uso dela como se fosse uma gíria popular. É interessante observar que, embora ela esteja registrada no dicionário de gírias e apareça no Houaiss como um termo de uso informal, no dicionário Aurélio ela já aparece como um ‘adjetivo’, ou seja, é um termo que não carrega mais o status de gíria e nem o peso social de ser considerada como uma, sendo aceita como uma palavra integrada totalmente ao uso comum da língua.



Figura 7 – **Supimpa**: Mônica nº10, 2016

Dois aspectos a destacar nas figuras 6 e 7. O primeiro diz respeito à gíria ‘joinha’ na figura 6. O personagem percebe que o seu uso linguístico causou estranhamento no grupo e substitui a gíria inicial pelo termo ‘3 – joinha’, que já é considerado pelos dicionários da

língua portuguesa como uma gíria consagrada. Já o último quadrinho (Fig. 7) revela o alto valor social da gíria como elemento simbólico de pertencimento a um determinado grupo, pois o personagem questiona como ele deve falar para poder participar da turma de meninos mais populares, corroborando a visão defendida por Preti (1984).

A atualização lexical presente nas HQs aqui apresentadas podem mediar práticas pedagógicas em aulas de PLNM voltadas para o ensino da adequação linguística e de gírias e neologismos. Primeiramente, porque se trata de material que permite a criação de atividades com caráter lúdico, para turmas de todos os níveis e faixas etárias, em que a língua funciona como meio e não um fim em si mesma (SALIÉS, 2002), como era o caso das listas de vocabulário ou técnicas de memorização descontextualizadas e desprovidas de vivência e socialização no uso da língua. Além disso, as HQ estão em constante tiragem de publicação, ou seja, estão sempre trazendo novidades para o público, sendo uma fonte que reflete a evolução léxica (RAMOS, 2009). Para além desses aspectos, o professor de PLNM pode também usar as HQ como porta de entrada para apresentar aos alunos estrangeiros a qualidade das produções brasileiras, levando aos poucos outros autores e outros gêneros para a sala de aula, estimulando a leitura e fazendo com que os alunos busquem de forma independente e autônoma outras fontes literárias.

6. Conclusão

Com base no estudo em tela, o professor de PLNM pode lançar mão da leitura de HQs com os mais diversos propósitos didáticos, para diversos níveis, inclusive para apresentar aos alunos publicações de autores nacionais que já tenham a sua obra publicada em quadrinhos. As HQs podem funcionar como mediadores do ensino-aprendizagem de gírias e neologismos, como pré ou pós atividade de leitura ou ainda como porta de entrada para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que envolvam a literatura brasileira, inclusive em níveis iniciantes, por meio da adaptação em quadrinhos. Em qualquer uma dessas possibilidades, medeiam de modo leve e lúdico o uso da língua, permitindo que essa emergja em contextos situados. Trata-se de uma abordagem que, se implementada de modo situado, pode propiciar aos alunos a oportunidade de experienciar emoções, assumir posicionamentos e discutir fatos em pauta em contextos cotidianos. Em outras palavras, une linguagem à construção de conhecimento.

7. Referências bibliográficas

- ALMEIDA FILHO, J.C.P.; LOMBELLO, L.C. (Org.) O ensino de português para estrangeiros; pressupostos para o planejamento de cursos e elaboração de materiais. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- CORREIA, M.; ALMEIDA, G.M.B. Neologia em português. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- FERREIRA, A.B.H. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. 4ªed. Curitiba: Editora Positivo, 2009.
- FONSECA, D.F. O uso de material autêntico. AOTP - Flórida, 2015. Disponível em: <http://gazanews.com/o-uso-de-material-autentico>. Acesso em: 10/02/17.
- FRANCHI, C. Linguagem-atividade constitutiva. Em FRANCHI, C.; FIORIN, J.L.; ILARI, R. (Org.), Linguagem atividade constitutiva. São Paulo, RJ: Editora Parábola. 2011.
- FUSARO, K. Gírias de todas as tribos. São Paulo: Editora Panda, 2001. HOUAISS, A.; VILLAR, M.S. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- ISQUIERDO, A.N.; SEABRA, M.C.T.C. (Org.) As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande, MS: Editora UFMS, São Paulo: Humanitas, 2007.
- PILLA, E.H. Os neologismos do português e a face social da língua. Porto Alegre: AGE, 2002.
- PRETI, D. A gíria e outros temas. 1ª ed. São Paulo: EDUSP, 1984.
- ROCHA, C.A.M.; ROCHA, C.E.P.M. Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
- SALIÉS, T. G. Promoting strategic competence: What simulations can do for you. *Simulations & Gaming*. v.33, n. 3, p. 280-283, 2002
- SERRA E GURGEL, J.B. Dicionário de gíria – modismo linguístico – o equipamento falado do brasileiro. 5ª ed. Brasília, DF: Editora Mania de Livro, 1998.
- VERGUEIRO, W. C. S.; RAMOS, P. (Org.). Muito além dos quadrinhos: análises e reflexões sobre a 9ª arte. São Paulo: Editora Devir, 2009.
- VILELA, M. Estudos de lexicologia do português. Coimbra: Almedura, 1994.